

JO MURRAY

A ANATOMIA



DE

UM

CRIME

Culpado ou inocente?
Você decide.

JO MURRAY

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

A
ANATOMIA
DE UM
CRIME

Culpado ou inocente?
Você decide.

Homicídio

O crime de homicídio ocorre quando, em pleno uso de suas faculdades mentais, uma pessoa mata ilegalmente qualquer ser humano sob a proteção do rei, com a intenção de matar ou causar-lhe grave lesão corporal.

O júri

Um júri é composto por doze pessoas, escolhidas aleatoriamente, que ouvirão as provas e decidirão se o acusado é culpado ou inocente. A acusação deve provar, para além de qualquer dúvida razoável, que o réu cometeu o crime; o réu não precisa provar sua inocência. O réu é inocente até que se prove o contrário. Após ouvir todas as provas de um caso, o júri se retira para deliberar sobre o veredicto. Via de regra, um réu só pode ser considerado culpado ou inocente (absolvido) quando os doze jurados concordam unanimemente.

Após um período prolongado de deliberação, o juiz pode aceitar um veredicto por maioria. Quando isso acontece, são aceitáveis as combinações de 11-1 ou 10-2.

Solicitors

Os *solicitors* prestam assessoria jurídica em diferentes áreas do direito. Representam clientes nos tribunais criminais de primeira instância e contratam (instruem) *barristers* para casos mais graves. Os *solicitors* preparam a documentação, reúnem provas e auxiliam o *barrister*.

Barristers

Os *barristers* são consultores jurídicos especializados e atuam como defensores nos tribunais. Aconselham os clientes sobre os pontos fortes e fracos de seus casos e os representam em juízo. Alguns *barristers* atuam em nome do Crown Prosecution Service (CPS) – o Ministério Público da Coroa. Usam peruca e toga.

A maioria dos *barristers* exerce a profissão em um escritório próprio; esse local é seu domicílio profissional. Como são autônomos, os *barristers* podem atuar como promotores (acusação) em um caso defendido por um colega do mesmo escritório.

A ponte entre a faculdade de direito e a prática jurídica é chamada pupilage (correspondente ao estágio), um período de treinamento de doze meses dentro de um escritório de advocacia, onde um estudante

(pupilo) é designado a um mentor (supervisor de pupilo, anteriormente conhecido como *pupilmaster*). Os King's Counsel (KC, Advogados do Rei) ou *silks* são *barristers* de elite nomeados pelo rei.

Todo *barrister* está sujeito ao Bar Standards Board Code of Conduct (Código de Conduta da Ordem dos Advogados), um órgão regulador que impõe os mais altos padrões de ética a todos os advogados. Integridade, honestidade e confidencialidade são os fundamentos de todo *barrister* honrado.

É assim que funciona o sistema de julgamento criminal na Inglaterra e no País de Gales.

Mas nem sempre...

PRÓLOGO

O ACUSADO

O QUE É JUSTIÇA?

Essa é a pergunta que tenho me feito repetidamente nos últimos oito dias.

É seguir a lei à risca? Ou assegurar que a verdadeira justiça seja feita, mesmo que, para isso, seja preciso flexibilizar um pouco as regras? A maioria das pessoas nunca precisa pensar nisso.

Eu me consideraria alguém rebelde? Talvez. Mas que transgride as regras? Não.

Sei quais regras posso contornar sem que descubram, mas sempre fiz isso pelo bem maior. No entanto, convencer um júri com esse papo é outra história. O que os jurados precisam ver não é necessariamente a “verdade”, mas sim aquilo que pareça justo. Você acha que são a mesma coisa, não é? Mas não são; principalmente neste caso.

Por experiência própria, sei que se os jurados olharem para o acusado ao entrar no tribunal para proferir o veredicto, vão absolvê-lo. Se não olharem, vão considerá-lo culpado.

Acho que faz sentido; ninguém gosta de olhar nos olhos de um ser humano que vai mandar para a cadeia. Nos olhos de um assassino.

Eu estudei todos eles, sentados no banco dos jurados a minha esquerda. Sete homens e cinco mulheres. Juntos, doze cidadãos comuns decidirão meu destino após ouvirem as provas macabras que nos últimos dias impregnaram o ar da Sala do Tribunal 1, seus bancos rangentes e as paredes sem janelas.

É um tribunal moderno, não como os antigos que vemos na tevê. Imagino que tenha sido projetado para dar uma sensação de espaço, a julgar pelo pé-direito anormalmente alto e os painéis cinza-claro. Mas, de qualquer maneira, não deixa de ser uma sala onde as pessoas são forçadas a pagar seus pecados sob a luz forte das lâmpadas fluorescentes.

O promotor se levanta para se dirigir ao júri em suas alegações finais. É um daqueles advogados agressivos – convencido, cheio de si, arrogante e prepotente. Ele fez que eu ficasse no banco das testemunhas um dia inteiro durante o exame cruzado e agiu como se já houvesse vencido. Não havia dúvidas em sua cabeça de que as provas que apresentou ao júri eram suficientemente fortes para me condenar. Ele ficou ali em pé, encostado no banco, braços cruzados, disparando perguntas como uma metralhadora. A tentação que senti de dar um soco na cara de alguém nunca foi tão forte; mas eu não podia. Não podia demonstrar nenhum sinal de raiva, porque, para as pessoas comuns que assistiam, agressão indicaria instinto assassino.

Minha *barrister* é o oposto do promotor. Ela é calada, mas firme, usa táticas inteligentes e se mantém calma sob pressão. Afável. Tenho a impressão de que os jurados simpatizaram com ela. Espero que sim.

– Senhoras e senhores – diz o promotor em tom condescendente, com as mãos no púlpito para parecer mais sério –, vocês ouviram todas as provas deste caso, e é dada a hora de chegarem a um veredicto. Esta pessoa diante de vocês é acusada de assassinar Anton Smythe, de cinquenta e seis anos, juiz do Tribunal da Coroa. Apontamos que na sexta-feira, 6 de setembro de 2024, ele foi morto com um golpe fatal na cabeça por esta pessoa que vocês veem no banco dos réus. Mas este julgamento não foi conduzido sem drama – prossegue, adotando o tom sinistro que tem usado ao longo deste espetáculo –, como vocês bem devem se lembrar pelo depoimento desta pessoa, que foi, no mínimo, “vívido”.

Aqui, no banco dos réus, volto os olhos para o júri. O homem sentado na primeira fila, que parece mal ter idade para votar – eu o apelidei de “Jovem Hannibal Lecter” –, levanta as sobrancelhas de um jeito óbvio, para que eu veja. A “Triste Susan”, que parece que cairá em prantos a qualquer momento, olha para mim para ver minha reação. Está muito estressada. Eu sei como você se sente, querida. Não mexo nem um milímetro do corpo – não posso sorrir para ela.

– Se este julgamento lhes ensinou alguma coisa, senhoras e senhores, é que nem tudo é o que parece. Mas de algo podem ter

certeza: esta pessoa não é confiável. A Coroa rejeita sua história absurda. É uma história fantasiosa, digna de um mentiroso assassino. E, no devido tempo, convidarei vocês a proferir o veredicto que atestará sua culpa.

Continuo em silêncio enquanto ele crava ainda mais pregos em meu caixão. Ele vai repassando as provas contra mim, e eu noto que os jurados o fitam atentamente. O tribunal está lotado, cada dia mais cheio. Todos estão esperando para ver se o veredicto atestará minha culpa ou inocência.

Em um caso como este, os jurados não partem da presunção de inocência, como deveriam, e sim da presunção de culpa. As provas contra mim são condenatórias, de modo que o plano sempre foi semear uma pequena semente de dúvida na cabeça deles, regá-la e vê-la crescer.

Doze jurados. Mesmo que a maioria esteja contra mim, basta que plantemos dúvidas suficientes na cabeça de pelo menos três; assim, não poderão me condenar.

Três. Só isso.

Deu certo? Logo descobrirei.

Essa natureza oficial de tudo, repetida e recontada neste ambiente clínico, é muito perturbadora para mim, imóvel aqui no banco dos réus, no fundo do tribunal.

Enquanto o promotor descreve as principais provas dos fatos que puseram fim à vida de Anton Smythe – as mesmas que me levaram à ruína –, lampejos daquela noite passam por minha cabeça como uma luz estroboscópica.

Eu vi seu corpo estendido no chão; ninguém perceberia que ele estava a poucas horas da morte se não fosse aquele delicado, porém fatal, fio de sangue que saía de seu nariz.

Foi quando eu soube que tudo mudaria, que eu acabaria aqui.

Percorri o aposento com os olhos aquela noite – “a cena do crime” –, sabendo que cada centímetro seria investigado. Eu já conhecia o sistema fazia tempo suficiente para saber que aquilo era a calmaria antes da tempestade. Tudo que eu fizesse dali em diante seria minuciosamente escrutado. Da próxima vez que eu visse aqueles ferimentos, seria em fotos; só que tudo seria mais brilhante por causa do flash da câmera do perito criminal. Réguas seriam colocadas ao lado de objetos inanimados e receberiam nomes como “arma do crime”.

Eu achava que havia tomado muito cuidado. Contudo, o que me levou à ruína foi o telefone.

Mas e se todas as evidências apontarem para você e a coisa for mais complicada do que parece? Acaso temos que aceitar que você ou é a vítima ou o assassino e que não há meio-termo?

Isso não é justiça de verdade.

A acusação pode contar a história que quiser, mas eu sei o que realmente aconteceu. Não me interpretem mal – tudo saiu totalmente do controle. Quando penso nas mentiras que contei, nas pessoas que envolvi, nas vidas que destruí, eu me desprezo. Mas uma sentença de prisão perpétua por isso não seria justiça.

Eu o matei, sim, mas não foi minha culpa.

Eu tive que matar. Não tive escolha.

01

A PRISÃO

Um júri é composto por doze pessoas
escolhidas para decidir quem tem o
melhor advogado.

ROBERT FROST

LEILA

Segunda-feira, 9 de setembro de 2024
Cento e vinte e seis dias antes do julgamento

A FESTA JÁ HAVIA COMEÇADO QUANDO VOLTO AO ESCRITÓRIO.

Bem, eu disse festa, mas “encontro sombrio” é uma descrição mais precisa, dadas as circunstâncias das últimas setenta e duas horas. Não entendo por que ele não cancelou. Se bem que encontrar-se em tempos de crise é algo que a Ordem dos Advogados faz muito bem. Além disso, Chester Vernon jamais permitiria que o assassinato de um juiz do Tribunal da Coroa se interpusesse entre ele e uma boa bebida.

O som de conversas em voz baixa escapa da câmara para o saguão. É graças a Chester – nosso ilustre e extremamente excêntrico chefe amante de vinhos – que nossas festas regadas a álcool são famosas. Qualquer dia e qualquer motivo já serviram para justificar uma festa no passado. Hoje, porém, é seu quinquagésimo nono aniversário. Ter a ausência notada seria suicídio profissional para qualquer um, e ele não é o tipo de homem que se quer como inimigo. Em rigor, ele não é nosso “chefe” – os *barristers* são autônomos –, mas é nosso líder profissional eleito. O que ele diz é lei. Toda câmara tem um.

“Escritório” é a mesma coisa que “câmara”, mas você não pode usar essa palavra; é só mais uma parte da tradição inerente a esse trabalho. Eu usei a palavra “escritório” uma vez, quando era estagiária, e todo mundo olhou para mim. Nunca mais fiz isso.

Corro para uma das salas de reunião. Bem, corro tanto quanto se pode correr puxando uma mala de rodinhas que contém uma peruca,

uma toga e um monte de livros pesados. Mesmo depois de tantos anos, ela ainda enrosca em cadeiras, mesas e, em uma infeliz ocasião, em um display de preservativos na Boots.

– Leila!

Ponho a cabeça para fora da porta e vejo Chester me chamando para o salão com a arrogância de um *capo* da máfia chamando um garçom. Meu Deus, não estou com paciência para isso hoje. Não me deixarão sair enquanto eu não tomar pelo menos três taças de vinho. Estou com meu cabelo loiro platinado caindo sobre minhas costas, indomável e molhado da chuva. Depois de cinco horas sob uma peruca de crina de cavalo, não está nada apresentável. A última coisa que quero é desfilhar diante de algumas das pessoas mais importantes da área jurídica como um pavão molhado.

– Cinco minutos, Chester! – grito de volta, furiosa comigo mesma; eu deveria ter ido direto para casa.

Assim que fecho a porta, ela se abre de novo. Pelo jeito como acontece, sei que é Jim, nosso assistente sênior. Ele está sempre com pressa de chegar a algum lugar. Jim corre pelo menos quatro maratonas por ano e está perto dos sessenta, mas parece mais jovem, porque só come frutas e carnes magras – e gosta de falar sobre isso para todo mundo.

– Estávamos te esperando. Você vem? – pergunta, acenando com a cabeça em direção ao saguão.

Jim tem na mão uma pasta fina com uma fita rosa. Ele é responsável por receber os casos e distribuí-los aos *barristers* que considera mais adequados. Manter um bom relacionamento com os assistentes é vital para uma carreira sólida. Felizmente, eu me dou bem com os meus.

– Não me sinto muito no clima – respondo.

Depois de um longo dia no tribunal defendendo um homem acusado de abusar sexualmente da filha, estou com uma baita dor de cabeça.

– Ótimo resultado hoje. – Ele sorri, aludindo à absolvição que consegui para meu cliente. – Já animou o *solicitor*; ele falou maravilhas de você.

– É mesmo?

– Disse que ver você é hipnotizante.

– Hipnotizante? – repito, encantada. – Nunca disseram isso de mim.

Jim sabe quanto isso me anima. Tem sido tão difícil construir uma reputação...

– E... – acrescenta, fazendo uma pausa para efeito dramático, e se encosta na estante de carvalho que cobre a parede – ... você foi citada no *Legal 500*.

– Meu Deus! Jura?! – exclamo, mas me recomponho imediatamente.

Jim adora quando um de seus *barristers* é citado no *Legal 500*, um guia profissional para clientes que classifica as câmaras. Se você impressiona as pessoas certas, consegue destaque sendo citado no guia, e isso pode fazer maravilhas por sua carreira. Aos trinta e seis anos, já espero isso há muito tempo, considerando que sou *barrister* criminal há treze.

– O que escreveram? – pergunto, afobada.

Descolando um adesivo rosa neon da pasta que tem na mão, ele olha por cima dos óculos que estão na ponta de seu nariz. Seu cabelo curto e prateado está espetado em ângulos peculiares.

“Leila Reynolds tem um estilo intuitivo e é uma defensora criminal excepcional. Aborda os casos com um olhar fofo e tem uma maneira muito inteligente de interpretar as evidências. Futura estrela brilhante e KC.”

É surreal ouvir essas palavras me descrevendo. Ser reconhecida profissionalmente é muito importante, e essa é a forma mais elevada de reconhecimento.

– Quem me indicou?

Ele sabe por que estou perguntando.

– Nem imagino – responde, mexendo no elástico do bolso da calça.

– Você pode descobrir?

– Posso tentar, mas nem sempre é possível – diz ele, firme, deixando claro que na verdade não fará nada. – Isso é uma notícia fantástica, Leila, aceite-a como é. Irá lhe proporcionar muitas oportunidades. Você é uma advogada excepcional, e alguém obviamente reconheceu isso. Ando ouvindo coisas ótimas a seu respeito.

Ele costuma me chamar de senhorita Reynolds; só usa Leila quando entra no “modo pai”, o que nunca me incomoda. Apesar de Jim ser assistente, tenho mais em comum com ele do que com os outros *barristers*. Ambos somos oriundos da classe trabalhadora da região de Newcastle. Ele tem um forte sotaque *geordie*, igual ao meu. Já me aconselharam a “suavizá-lo” ao longo dos anos, mas me recuso a perdê-lo. Tenho muito orgulho de minhas raízes, e acho que clientes

e jurados se identificam mais comigo que com meus colegas privilegiados por causa disso.

– Você tem razão. – Sorrio para ele. – Sou grata.

– Enfim, tenho um caso novo para você; chegou há uma hora.

O cliente foi bem específico: quer você e ninguém mais.

Ele me estende a pasta.

NO TRIBUNAL DA COROA DE NEWCASTLE

A Coroa contra Jack Millman.

É tudo que está escrito na capa. Quando um advogado representa tantas pessoas quanto eu, a maioria dos nomes se mistura. Reconhecemos alguns, mas não conseguimos associá-los a um rosto. Já outros, nunca esquecemos.

Como este.

– Vai dar uma olhada ou não? – Jim quer saber.

Desamarro a fita e abro a pasta. Sinto um arrepio quando vejo o nome completo.

Os dois. Na mesma acusação.

Leio as instruções do *solicitor*:

DETALHES DO CRIME:

Na sexta-feira, 6 de setembro de 2024, JACK MILLMAN teria assassinado ANTON SMYTHE. Ele optou por se manter calado e compareceu ao Tribunal de Magistrados de Durham na segunda-feira, 9 de setembro, para uma primeira audiência. O processo será transferido para o Tribunal da Coroa de Newcastle, e um advogado será instruído para defendê-lo daqui em diante.

O arquivo não diz quase nada, mas isso seria de se esperar nessa fase. É pequeno, tem menos de dez páginas.

O assassinato do juiz Smythe na noite de sexta-feira causou grande comoção na comunidade jurídica. A notícia se espalhou na tarde de sábado, depois que sua esposa contou a amigos próximos, e informações como essa não ficam em segredo muito tempo.

A princípio, especulou-se que devia ter sido um trágico incidente do tipo “estar no lugar errado na hora errada”, mas, conforme foram surgindo mais detalhes, essa hipótese foi ficando cada vez mais improvável.

– Leila?

Percebo que estou olhando fixamente para o papel e que meu ritmo cardíaco aumentou. Estou acostumada com a adrenalina que meu trabalho provoca, mas isso é outro nível.

– Você quer que *eu* conduza um julgamento por assassinato? – São palavras tão ridículas saindo de minha boca que sinto até vergonha de dizê-las. – Não posso, não sou KC. Nunca cheguei nem perto de um assassinato. Tenho que devolver, não vou fazer isso.

– Não se desespere – diz Jim, calmamente, como se estivesse falando com uma criança pequena que acabou de perceber que está andando de bicicleta sem rodinhas.

– Não posso defender um caso de assassinato, muito menos esse! O assassinato de um juiz! Se der errado, serei considerada totalmente incompetente. E não há chance de ganhar. Por que tenho que pegar isso?

– Porque Jack Millman pediu especificamente que você o representasse. *Cab rank rule*, senhorita Reynolds: se um cliente quer que você o represente, não pode recusar, a menos que não seja qualificada para o caso. Conversei com Chester; ele acha que você é.

– É mesmo? – Franço a testa, mas intimamente fico satisfeita por Chester acreditar que sou capaz de dar conta de algo assim.

– Entendo por que está preocupada – Jim afirma com sua “voz de pai”. – Da última vez que você o representou, a coisa foi... problemática.

Isso é um eufemismo gigantesco. Representei Jack Millman há cinco anos por agressão, e esse caso me fez questionar tudo: a lei, o sistema, se eu deveria desistir da carreira...

– Mas você é mais experiente agora – ele continua –, e deve ter feito algo certo, porque ele te quer de novo. Pensei que você ficaria feliz; é um caso grande e interessante. Pode catapultá-la para o estrelato jurídico. Você leu a frase: “futura KC”. Pode ser mesmo, depois desse caso.

– Será complicado. – Balanço a cabeça. – Estou sentindo.

– E, pelo jeito, ele “não confia em *barristers*”; só mais um detalhe a acrescentar.

– Bem típico dele. – Suspiro. – Quem é o *solicitor*?

– Jessops. Davina me ligou à tarde para falar disso. Ela concorda que você faça a defesa.

Isso, por si só, já é um sinal de alerta.

O Jessop Solicitors é o maior escritório de advocacia de Durham, administrado pelo casal de *solicitors* David e Davina Jessop. Eles

pegam todos os casos grandes e duvidosos e sempre aconselham seus clientes a dizer “nada a declarar” em entrevistas. Sempre há mais coisas por trás da história de quem é representado por eles.

– Certo. E quem é o *barrister* que está cuidando da acusação?

Jim tenta formular uma frase várias vezes, mas acaba dizendo:

– Essa é a outra coisinha que preciso te falar.

Eu sei exatamente do que se trata.

– Por favor, diga que está brincando, Jim.

Ele não responde. Faz uma careta, fingindo lamentar, mas eu não me engano: ele está adorando o drama.

– Jim... – Apoio-me na beira da mesa e aperto forte as têmporas com os dedos. – Por favor, não me diga que em meu primeiro julgamento por assassinato a acusação será conduzida por Julian. Ele me ensinou tudo que sei!

Julian não, por favor, Julian não. Meu mentor, o melhor *barrister* da câmara, a pessoa que me preparou, que me ensinou. O promotor mais temido de nosso circuito.

E meu marido.

LEILA

EU SEMPRE O RECONHECIA NO MEIO DA MULTIDÃO, DESDE MEU primeiro dia como pupila, treze anos atrás. Eu era uma jovem de vinte e três anos, com cara de inocente, que sabia tudo sobre direito e nada sobre a vida. Julian Kesler me mostrou como unir as duas coisas. Quando a Innovation Chambers, de Durham, me ofereceu uma pupilage logo após a faculdade de direito, fui imediatamente ao site deles para ver como era meu *pupilmaster*, como eram chamados antigamente. Mais tarde, o termo mudou para *pupil supervisor* – supervisor de pupilo –, menos arcaico e menos sugestivo de práticas sadomasoquistas; mas não consigo me livrar do hábito de usá-lo.

Lembro-me da empolgação que senti ao saber que ele seria meu guia pelos próximos doze meses. A pupilage é o intenso período de treinamento prático que o pupilo deve concluir antes de se tornar um *barrister* qualificado, quando é designado para trabalhar em estreita colaboração com um membro sênior da câmara durante os primeiros seis meses. No semestre seguinte, o pupilo recebe seus próprios clientes, mas seu supervisor de pupilo é quem o molda como o *barrister* que se tornará. O vínculo entre eles é duradouro e especial.

Passsei horas na internet procurando informações sobre Julian Kesler. Queria saber tudo sobre ele; aquele era o homem que me ensinaria a ser uma advogada brilhante, a elaborar exames cruzados implacáveis e a proferir as alegações finais mais persuasivas.

Julian me ensinou a fazer tudo isso.

Ele está conversando em voz baixa com outros *barristers* no canto do saguão. A chuva bate com força nas janelas inclinadas atrás dele. Como a maioria dos prédios de Durham, o nosso é lindo, antigo. Temos a sorte de tê-lo como nosso domicílio profissional.

Atravesso a sala em direção a ele.

– Posso falar com você? – sussurro.

É raro vê-lo em um canto em um evento como este. Julian costuma sempre circular pelo salão e se apresentar às pessoas.

Ele não responde, apenas pede licença discretamente, com a elegância e classe que o caracterizam e que aprendi a reconhecer no decorrer dos anos. Mesmo depois de um dia inteiro no tribunal, ele mantém os traços bonitos que lhe renderam tantos privilégios: cabelo escuro bem penteado, levemente cacheado, mechas prateadas brilhantes. Olhos grandes, cor de cerveja escura. Julian tem a capacidade de fazer com que cada pessoa se sinta a única com ele em uma sala.

Ele me acompanha para longe da multidão.

– Você já entrou em pânico, não é? Está fazendo aquele movimento estranho com o olho.

Julian diz que meu olho esquerdo sofre umas contrações estranhas quando estou muito estressada.

– Claro que estou em pânico!

Entendo perfeitamente que, a partir deste momento, Julian e eu somos oponentes profissionais. Eu deveria ser mais discreta e disfarçar meu nervosismo, mas esta situação me pegou pelo pescoço e não consigo respirar.

– Encare como qualquer outro caso, só que contra mim. – E ele toma um gole de vinho quente.

– Esse é o problema. Você tem uns onze anos de experiência a mais que eu e é KC. E se eu pisar na bola?

Ele passa a mão em minha cintura e a aperta de leve.

– Você vai ser fantástica. Essa é sua chance de brilhar.

– Para você é fácil falar. Sua parte é a mais simples. Quem já foi absolvido de um assassinato?

– Melhor ainda. Menos pressão. – Ele sorri e me dá uma piscadinha casual e tranquilizadora.

Agora que Julian é KC, só pega casos de assassinato, que é capaz de ganhar até dormindo.

– Quando me ligaram perguntando se eu queria ser o promotor, obviamente não desperdicei a oportunidade.

– Julian, você sabia que eu pegaria a defesa quando lhe ofereceram o caso e mesmo assim aceitou?

– Seria loucura recusar. É um caso muito importante, vai impulsionar nossas carreiras. Sem falar no reconhecimento nacional.

Eu entendo a lógica, mas esse caso já será desafiador o bastante. Não quero a nação inteira nos observando atentamente.

– É uma surpresa que tenham permitido, levando em conta nosso relacionamento – digo, mais em desafio do que qualquer outra coisa.

Estou furiosa por ele ter aceitado o caso, mas não surpresa. Julian seria a primeira escolha do Ministério Público da Coroa, de qualquer maneira. Ele é um advogado feroz, forte e destemido, e sua taxa de condenação é muito alta. O fato de ele atuar como promotor no caso de sua ex-pupila e jovem esposa fará o Ministério inteiro esfregar as mãos de alegria. Para eles, será uma vitória clara; e para ser honesta comigo mesma, para Julian também.

Assim como para todos os outros.

– Eles deixaram bem claro que, desde que ajamos profissionalmente e com imparcialidade e mantenhamos uma comunicação aberta e honesta, não há razão para que não possamos ser oponentes. Ora, não seria a primeira vez que marido e mulher se enfrentam no tribunal. Você não está sugerindo que eu deveria ter recusado, não é?

– Claro que não! – minto. – É que... é que é muito importante para mim, e eu quero fazer um bom trabalho.

Sei que estou parecendo ingênua. De repente, eu me sinto uma pupila de novo, chegando à câmara todos os dias desesperada para impressionar todo mundo, especialmente ele.

– Já leu os documentos, Leila?

– Não, ainda não tive oportunidade...

– Parece bastante incriminatório nesta fase inicial. Acho que ele não tem defesa, portanto, é provável que nem haja julgamento. Imagino uma confissão de culpa logo de cara. Você está se preocupando à toa.

Julian me oferece uma taça de vinho para me acalmar, e eu tento agir normalmente e conversar com o pessoal da câmara; mas só consigo pensar no caso. Meus colegas insistem em me “parabenizar” por ter conseguido “o caso de minha vida”, dizem que Julian e eu vamos “lutar até a morte”, como se estivéssemos em um filme da Marvel.

– Muito bem, Britney! – balbucia Nigel, um alcoólatra funcional que, não sei como, ainda consegue dirigir um escritório de advocacia criminal muito bem-sucedido.

Britney é meu apelido na câmara e me foi dado em minha primeira semana. Todo mundo ganha um. Os homens ganham apelidos relacionados com seus sobrenomes; o de Julian é simplesmente Kes. Ridículo. Mas para as mulheres é diferente. Em geral, ganhamos o nome de pessoas com quem nos parecemos vagamente. Quando entrei na câmara, eu tinha cabelo comprido, loiro, que contrastava com meus grandes olhos castanhos; então, fui iniciada como Britney Spears. As únicas pessoas que não me chamam assim são Jim, Julian e Chester.

As pessoas cercam Julian e a mim, clamando pela menor migalha de informação privilegiada que possamos lhes dar. Como sempre, há até algumas sugestões veladas de que eu consegui o caso por causa dele.

– Uau! É bem raro alguém tão júnior receber um caso desses. Nunca ouvi falar. Você deve ter os contatos certos! – comenta Ophelia, também conhecida como Legalmente Morena.

Ela é filha de um juiz da Suprema Corte, passou raspando na faculdade de direito e claramente não entende o que é nepotismo nem ironia.

Sei o que eles querem dizer; é sempre a mesma coisa: que eu só consigo bons casos graças a meu marido. Porque quando você se casa com um KC, ganha vantagem. De repente, você é “alguém”.

– Tenho que admitir que Kes jogou bem nessa – sussurra Simon, achando que eu não vou ouvir, agarrado a uma taça de vinho tinto como se fosse uma boia salva-vidas. – Consegui que sua esposa jovem e inexperiente defenda o julgamento da década. Vitória garantida!

Seguem-se gargalhadas.

Maravilhoso.

Sempre me surpreendi com a brutalidade do humor da classe. Os *barristers* não se acanham. Você precisa ter muita resistência e não pode reclamar de jeito nenhum; senão, eles a veem como fraca e a mandam relaxar.

Penso em interromper e dizer que o acusado pediu por mim *especificamente*, mas não digo. Não faria diferença. Eles não querem a verdade, querem fofoca e drama. Eles se alimentam disso.

É preciso saber jogar o jogo.

Consegui o caso que todo mundo quer. O assassinato de um juiz é um caso que define uma carreira, e eles não acham que eu mereça. Portanto, a única maneira de vencer o jogo agora é provar que eles estão errados.

De alguma maneira.

– Aparentemente, ele foi morto no apartamento do réu, que fica em cima da boate...

- Quem é o acusado, afinal?
- Um porteiro da Temptation. Parece que foi sexta-feira à noite.
- Que diabos Anton estava fazendo lá?

Em lados opostos da sala, Julian e eu nos entreolhamos enquanto a fofoca corre solta. Ele revira os olhos e se distrai conversando com uns colegas. Nenhum dos dois deveria estar ouvindo isso.

Mas não me surpreende que estejam fazendo perguntas. Ele foi assassinado – perdão, *supostamente assassinado* – em um lugar onde ninguém esperaria encontrar uma pessoa como Anton Smythe, mas é exatamente o tipo de lugar onde se esperaria que ele estivesse.

A Temptation é uma casa noturna masculina de elite no centro de Durham. Só para sócios, e o processo de seleção é rigoroso. Pouquíssimas pessoas têm permissão para entrar no local, por isso é envolto em mistério. De propriedade do milionário Edward Sorrington, apresenta-se como um local de indulgência e luxúria, mas a realidade é que está cheio de atividades ilegais. É um refúgio para negócios sujos, prostitutas de luxo, drogas e lavagem de dinheiro, e quase sempre os envolvidos são as pessoas mais respeitadas de nossa comunidade, que têm equipes de advogados caros para garantir que isso nunca venha à tona.

O único motivo pelo qual sei tanto sobre a Temptation é o caso que defendi anos atrás... adivinhe de quem.

Jack Millman.

– Com certeza tem a ver com alguma garota bonita – diz Phoebe (Shieldsy, porque os homens dizem que ela lembra Brooke Shields), para grande desânimo dos que a ouvem. – Ora, todos sabem que ele era um galinha.

Ninguém diz nada. Todo mundo olha para o chão, recusando-se a dar trela, mas pensando a mesma coisa.

Sua excelência o juiz Anton Smythe devia estar perto dos sessenta anos. Tinha um ar confiante, era um homem atraente e carismático, como a maioria dos homens do judiciário. Os anos foram generosos com ele, continuava com sua boa aparência: olhos escuros intensos e uma farta cabeleira prateada. Bem à moda antiga, garboso.

Era um comentário recorrente que as jovens pupilas podiam se safar de qualquer coisa quando estavam no tribunal do excelentíssimo juiz Smythe, ao passo que seus colegas homens eram repreendidos por cometer o mesmo erro. Corria todo tipo de rumor sobre ele: que levava jovens advogadas para almoçar, que frequentava os sofás de pubs intimistas com jovens mulheres.

Lembro a mim mesma que não devo dar ouvidos a especulações e vou até a mesa de bebidas pegar um copo de refrigerante. Não quero me embriagar esta noite.

Parada ao lado da mesa, totalmente deslocada, está Demi, esposa de Chester. Há uma diferença de idade considerável entre eles; com seus trinta anos, Demi parece filha de Chester.

– Oi, Demi, como você está? Há quanto tempo!

– Leila! – exclama, com cara de quem levou um susto enorme e levando a mão ao peito, deixando claro que eu apareci do nada para ela. – Parabéns! Ouvi dizer que você vai fazer a defesa desse caso de que todos estão falando.

Seu cabelo ondulado, com mechas belíssimas, cai delicadamente por suas costas até poucos centímetros de sua cintura minúscula. Como sempre, ela está impecavelmente vestida. Com um conjuntinho chique, nem casual nem formal demais – pantalonas marrom-camelo e camisa de seda bege –, parece que saiu direto da *Vogue*.

– Não sei se é motivo para parabéns, mas obrigada. – Tento um sorriso forçado. – Você conhecia Anton? Sei que ele era amigo de Chester.

– Não, não o conhecia. – Ela meneia a cabeça e tenta se afastar.

– Vocês não passaram férias com os Smythe na França uns anos atrás?

– Ah, sim... – Ela ajeita o cabelo e toma um gole de vinho. – É, mas não conversei muito com ele. Que terrível para a família... O réu vai se declarar culpado? Inocente? Acha que haverá julgamento? Desculpe, não entendo todo esse jargão jurídico!

Ela franze a testa e estreita os olhos ao dizer isso, como se não entendesse, mas parece tudo falso. A impressão que dá é de que está se esforçando demais para se fazer de burra. Sua voz é melodiosa, daquele jeito elegante típico das debutantes. Acho que Demi nunca trabalhou na vida.

– Não posso falar sobre isso, lamento. – Sorrio para ela.

– Ah, claro, claro! – Demi assente depressa e joga o cabelo para trás do ombro. – Bem, boa sorte! Já é difícil ser casada com um advogado, mesmo nas melhores circunstâncias, imagine então quando se tem que enfrentar o próprio marido no tribunal. Quando Chester está em um julgamento por assassinato, mal o vejo, e ele fica tão mal-humorado...

– Não estou preocupada. – Dou risada. – Aliás, vamos viajar este fim de semana, é aniversário de Julian. Barkenfield Lodge, dizem que é lindo.

– O que você lhe deu de presente? É tão difícil dar presentes para esses *barristers*. O que se dá para um homem que já tem tudo? Comprei

um relógio Omega para Chester ano passado e ele disse: “Para que diabos eu preciso de outro relógio?” – diz ela, quase sem tomar fôlego. – Adoro o temperamento explosivo dele, me faz rir muito!

– Comprei um jogo de xadrez antigo para Julian. Estou ensinando-o a jogar.

– Nunca imaginei que jogasse xadrez, Leila. – Demi tenta disfarçar o espanto. – Você é uma mulher de muitos talentos!

– Não conte a ele que eu disse isso, mas gosto de vencê-lo em alguma coisa. – Rio de novo. – Aquele homem não gosta de perder.

– Imagino! Enfim, foi um prazer falar com você! – Ela exhibe seus dentes perfeitamente alinhados em um sorriso. – Preciso encontrar Chester.

No saguão lotado, as pessoas se afastam quando veem Demi chegando. Ela é como Moisés abrindo o mar Vermelho. Os homens se atropelam para atender à deusa que ela é; as mulheres ficam fascinadas por sua energia, e não é difícil entender por quê. Ela é cativante.

Lembro-me da primeira vez em que vi Demi, deve ter sido há uns cinco anos, em um evento da câmara. Ninguém podia acreditar quando Chester entrou com aquela loira estonteante a seu lado. Ninguém achava que duraria, ele estava curtindo demais a vida de solteiro depois do divórcio. Mas, dois anos depois, todos nós nos encontrávamos no casamento deles. E ainda estão juntos, para nossa surpresa.

Sempre a achei esquiwa. Demi é dessas pessoas que não falam de si mesmas, sempre conduzem a conversa de volta a seu interlocutor. Você pode conversar com Demi a noite toda e, no fim, não saber nada sobre ela.

Demi é um enigma. Mas os homens adoram isso, não é? Algumas mulheres fazem isso deliberadamente.

Eu a observo deslizar pela sala com uma taça de vinho na mão direita, sorrindo, cumprimentando a todos como a esposa obediente e perfeita do anfitrião.

Porém, quanto mais a observo, mais me dou conta. Ela fala com todos, menos com meu marido, o promotor do caso sobre o qual ela acabou de me perguntar. Gosto de observar as pessoas. Acho que faz parte de meu trabalho. Esse hábito me tornou muito atenta ao comportamento dos outros. Ser *barrister* nos transforma em psicólogos amadores.

Muitas vezes, são os mínimos detalhes que revelam os maiores segredos.

TESTEMUNHA X

Regra nº 1: Não seja pega

EU ME METI EM UMA ENCRENCA. NÃO O TIPO DE ENCRENCA A QUE estou acostumada, mas uma encrenca de verdade.

Se ele descobrir, estou acabada.

Como deixei as coisas chegarem a esse ponto?

Jogue o jogo, flexibilize as regras; quebre-as, se quiser, mas nunca seja pego. Foi isso que ele me ensinou.

Sábado foi uma tortura ter que fingir que estava tudo bem, atualizando as redes sociais o tempo todo em busca de notícias – qualquer tipo de notícia –, até que apareceram.

PRESO HOMEM DE TRINTA E DOIS ANOS SUSPEITO DE ASSASSINAR JUIZ CRIMINAL

Um homem foi preso sob suspeita de assassinar Anton Smythe, cinquenta e seis anos, em Durham. A polícia informou que o suspeito de trinta e dois anos foi detido na região central de Durham por volta das 23h30 da sexta-feira e já está sob custódia.

Os últimos sete meses foram uma montanha-russa de mentiras, riscos e *ele*. Rápido e intenso. Era inevitável que em algum momento tudo explodisse, mas uma parte de mim, cheia de esperança, achava que, desta vez, talvez fosse diferente.

Como pude ser tão idiota?

Como bem se diz: “Não brinque com fogo”... Agora, as chamas lambem minha pele, queimam meu corpo. Chego até a sentir o cheiro de carne queimada.

Minha cabeça está cheia do som de risos, aquela risada aguda e feia que sempre me fazia sentir pequena. E dele repetindo a mesma coisa sem parar: “Será que eu não te ensinei nada? Regra nº 1: Não seja pega”.

Nunca quebrei regras antes; elas fazem parte de meu DNA. Ele se assegurou de que elas vivessem dentro de mim como um veneno, corroendo-me por dentro. Doze leis tóxicas em torno das quais construí toda a minha vida. Ele disse que, assim, eu ficaria segura, que elas me protegeriam. Mas agora? Aqueles advogados vão vasculhar os últimos sete meses da vida dele e me encontrarão impressa em tudo. Agora, estou vulnerável.

Eu deveria tê-lo escutado.

Ninguém pensa, mesmo quando está fazendo coisas que não deveria, que suas ações serão expostas em um tribunal.

Não posso deixar isso acontecer. Farei qualquer coisa para que meu nome não apareça no julgamento. Qualquer coisa.

Sabe qual é o pior de tudo? O momento. É inacreditável. Eu estava quase livre dela, e agora, depois de todo esse tempo, preciso de sua ajuda.

Só ela pode salvá-lo agora.

LEILA

Cento e vinte e um dias antes do julgamento

JULIAN E EU CONCORDAMOS EM DEIXAR O CASO MILLMAN DE LADO no fim de semana – que provavelmente será o último que teremos em muito tempo – para podermos aproveitar nossa noite no Barkenfield Lodge e comemorar o aniversário dele. É um lugar peculiar que encontrei em Northumberland, com lindos chalés rústicos. Parece meio sueco, mas estou adorando a atmosfera. O momento não poderia ser melhor para essa escapada, visto que a primeira audiência do julgamento será na segunda-feira. O estresse está começando a aumentar.

Chegamos sábado de manhã, enquanto o sol rompe as nuvens escuras e desafiadoras que pairam no céu fresco de outono. Estacionamos em uma área de cascalho e imediatamente uma mulher sai para nos receber. É alta, de cabelo preto como carvão, e está com uma jaqueta Barbour e um chapéu que só pode ser descrito como “chique ao ar livre”, que tem uma pena azul-vivo na lateral. Depois de sair do carro, Julian corre para abrir a porta para mim.

– Senhor e senhora Kesler? – pergunta a mulher com uma entonação sofisticada. – Sou Imogen. Acompanhem-me, vou levá-los a seu chalé.

A brisa tem aquele ar de setembro. Julian pega minha mão enquanto acompanhamos Imogen e passamos por chalés isolados, dispostos com arte e bom gosto por entre a paisagem magnífica. O site prometia “vistas deslumbrantes da floresta” e não decepciona. Cada chalé de carvalho foi projetado para se integrar ao ambiente ao redor (um conceito tipo trazer o exterior para dentro); todos os chalés têm lareira, banheira rebaixada, arquitetura com ângulos curiosos e paredes inteiras de vidro.

Imogen conversa com Julian o tempo todo e dá gargalhadas sempre que ele diz alguma coisa. Isso porque o conheceu há menos de três minutos.

– Tudo de que vocês precisam está aqui. – Ela esboça um sorriso de orelha a orelha. – Por favor, liguem para a recepção se precisarem de mais alguma coisa. É meio isolado à noite, mas muitos hóspedes acham que esse é o charme.

– Com certeza vamos aproveitar ao máximo, Imogen – diz Julian, lançando um de seus sorrisos encantadores.

É isso o que acontece quando as mulheres conversam com Julian. Seu charme as contagia como um vírus. E isso explica, em parte, por que ele é um advogado tão bom perante o júri: as juradas ficam hipnotizadas, e ele sabe disso.

Lembro-me de ter sentido uma enorme euforia quando começamos a sair; eu era a escolhida dele. Mas houve muitas antes de mim. Julian estava divorciado fazia dois anos quando entrei na câmara, e já se encontrava na fase dos encontros casuais. Ele me contava sobre seu mais recente encontro desastroso enquanto tomávamos café, e eu ria vendo como aquele homem era tão academicamente inteligente e tão perdido quando se tratava do sexo oposto. Sua vida amorosa era um carrossel de mulheres que o idolatravam, mas eram chatas e grudentas.

Eu me perguntei muitas vezes se ele tomaria a iniciativa naquele ano de pupilage, mas nada aconteceu. Nem mesmo quando saíamos para tomar uns drinques depois do trabalho. Acabávamos em um bar de campanha em Durham, aquele que tem um terraço na cobertura com vista para o rio, e em muitos momentos, sob o céu violeta e as luzinhas colocadas com bom gosto, eu ficava desesperada para que ele me beijasse.

Mas ele nunca me beijou.

Seria extremamente malvisto e uma violação do código de ética se ele me beijasse, dadas as preocupações com abuso de poder, apesar de a pupilage não ser nada parecida com uma relação professor-aluno. Uma vez terminado o período de doze meses, namorar deixa de ser tabu, visto que somos todos autônomos. Mas só ficamos juntos cinco anos depois; ele entrava e saía de relacionamentos casuais e eu estava ocupada com o trabalho. Acho que o destino nos uniu na hora certa.

No começo, sempre viajávamos nos fins de semana. Não queríamos correr o risco de ser vistos – não porque estivéssemos fazendo algo errado – ambos éramos solteiros –, mas ele havia sido meu *pupilmaster*, e as fofocas fariam tudo parecer vulgar. Nosso relacionamento seria rotulado como o clichê de “mentor transa com sua ex-pupila; isso é

mais velho que andar para a frente”. Mas não fomos os primeiros a fazer isso e não seremos os últimos. Só depois de termos certeza de que o relacionamento era sustentável, uns três meses mais tarde, foi que o tornamos público. Julian me fazia sentir inteligente e compreendida, e isso ia além de nosso mútuo amor pelo direito: ambos gostávamos de viajar, tínhamos prazer com o mesmo tipo de música e detestávamos os mesmos filmes. Meu lugar favorito era ao lado dele.

Quase nunca temos a oportunidade de pôr o pé no freio e recarregar as energias. Apesar de morarmos em Durham, que é uma cidade linda, é raro conseguirmos passar um tempo de qualidade juntos; sempre há um caso para preparar, um documento urgente para redigir, uma argumentação final para escrever. Até o ar é mais fresco aqui, e aproveitamos ao máximo explorando os arredores durante a tarde toda.

Trocamos de roupa e vamos ao restaurante jantar cedo. Saímos ao crepúsculo, sob o céu fosco, e voltamos ao chalé. Acendemos a fogueira. Eu me enrolo no enorme cobertor xadrez do sofá externo e olho para meu marido. À luz do fogo, seu rosto esculpido parece de um astro de cinema.

Abrimos uma garrafa de Châteauneuf-du-Pape, presente de aniversário para Julian. É seu vinho favorito, o mesmo que bebemos em nosso casamento: um tinto encorpado, com notas defumadas e cor de ameixa, mas a cento e cinquenta libras a garrafa, é reservado para ocasiões excepcionalmente especiais.

– Vamos fazer um brinde: a seu aniversário.

– Ao fato de eu ter sobrevivido a mais um ano, já que sou tão velho? – Julian ri.

– Não ligo para sua idade, você sabe disso. – Pousa a mão em seu braço. – Além do mais, você é o coroa mais sexy que conheço.

– Talvez você esteja sendo parcial – diz ele, irônico. – Ainda não acredito que sou onze anos mais velho que você.

Julian toma um grande gole de vinho e se joga no sofá.

– É um grande mérito ter conseguido conquistar uma esposa tão jovem e bonita – brinco, dando risada.

– Se eu não conquistar mais nada, pelo menos tenho isso. – Ele sorri. – E, a propósito, um brinde por ter sido citada na *Legal 500*.

Sinto meu rosto se iluminar e ergo minha taça de vinho.

– Max me fez um grande favor com essa – acrescenta Julian.

– Max? – Franzo a testa, confusa.

– Foi Max Westwick quem colocou a citação. Estudamos juntos em Oxford. Ele me devia um favor; eu o ajudei com uma questão jurídica uns anos atrás.

Claro que não era real. No fundo, eu sabia disso. Que ingenuidade a minha pensar que pudesse ser autêntico!

Sempre tento estar bem atenta a minha expressão facial – Julian me ensinou que uma cara de paisagem é uma de suas maiores armas –, mas, às vezes, a máscara cai.

– Que foi, querida?

– Nada. Só estou pensando se por acaso eu não mereceria a citação por mim mesma. Tenho participado de uns julgamentos excelentes.

Ele inclina a cabeça e me fita de um jeito que me faz sentir envergonhada e idiota.

– Você sabe como é difícil ser citado na *Legal 500*? Alguns advogados renomados não conseguem. Eu mesmo levei vinte anos. Fiz um favor enorme para você.

– Sim, claro... Obviamente, e sou grata. – Forço um sorriso sobre minha expressão magoada. – É que me preocupo com...

– Lá vamos nós de novo. – Julian suspira.

– De novo o quê?

– Ouça, você é casada com uma pessoa mais experiente, isso gera benefícios. Aproveite. Nossa profissão já é difícil o bastante.

– As pessoas acham que só consigo esses casos porque me casei com você.

– E isso é verdade? – retruca ele, com as sobrancelhas arqueadas.

– Não!

– Então, prove. Mostre a todos que estão errados.

– Como posso fazer isso se fico recebendo todas essas regalias? Eles me odeiam por isso.

– Então, você vai ter que ganhar esse julgamento, não é?

Trata-se de um comentário descontraído, mas está lançado o desafio. Julian e eu somos competitivos mesmo nos melhores momentos. Enfrentar um ao outro nesse julgamento vai ser difícil.

– Talvez eu ganhe – digo, confiante. – Afinal, se Jack Millman pediu a mim especificamente é porque acha que sou capaz. Isso é óbvio.

– Aposto que ele está a fim de você. – E Julian vira outro gole generoso de vinho.

– Isso é meio reducionista, não, Julian? – Suspiro. – Não vou morder sua isca.

– Dá para ver que você quer. – Com um sorriso irônico, ele cutuca minhas costelas.

– Pare de me provocar!

Ambos caímos na gargalhada, e isso quebra o gelo. Um senso de humor peculiar é essencial em nosso trabalho – é o único jeito de manter a sanidade.

Quando o silêncio se instala entre nós, percebo que ele está me encarando.

– Que foi?

– Estava pensando em seu primeiro dia como minha pupila. Em poucas horas, eu já sabia que você seria especial.

– Ah, pare com isso...

– É verdade. Reconheço um talento quando o vejo. Você era diferente dos outros pupilos que tivemos; tinha algo eletrizante.

– Era síndrome do impostor, Julian.

– Você sabe o que quero dizer. Todos os pupilos que tivemos antes de você eram genéricos. As mesmas mentes privilegiadas e indistinguíveis, só com rostos diferentes. Aí, você irrompeu portas adentro. Você era determinada e destemida.

– Crescer na pobreza cercada de traficantes faz isso com a pessoa.

– Estou falando sério, Leila. Você é diferente dos outros. Essa é sua força.

Não é comum Julian ficar sentimental. Ele estende o braço para mim, eu me inclino e me aninho em seu corpo quente. Sinto sua mão deslizar por meu cabelo.

– Vai ficar tudo bem, você sabe. Esse julgamento não vai se interpor entre nós – diz ele, baixinho. – Sei que você está preocupada com isso, e entendo.

– Estou mesmo. Você é a primeira pessoa a quem eu consultaria se tivesse alguma dúvida, mas agora é a única pessoa com quem não posso conversar.

– Pode conversar comigo sobre qualquer coisa, Leila, você sabe disso. Espero que continue aprendendo comigo até o dia em que eu pendurar minha peruca. Relacionamento é assim.

– Exatamente. Como vou poder enfrentar você no tribunal?

– Dê o seu melhor. Lembre-se de tudo que te ensinei.

Ele me beija. Está tentando me acalmar, mas eu me sinto diante do Monte Everest.

– Como ele é? – pergunta Julian.

O fogo crepita. Faíscas voam, e eu observo sua dança no céu noturno. Sempre fui fascinada por fogo.

– Quem?

– Millman. Como ele é? Obviamente, não foi à toa que pediu que você o representasse.

– Além de minha aparência?

Ele abre um sorriso, também contemplando as chamas.

– Não podemos falar sobre o caso, Julian.

– Não estamos falando sobre o caso. Só estou perguntando como ele é como pessoa, visto que você o representou antes.

– Sim, mas foi há anos. – Imediatamente me coloco na defensiva e meu corpo enrijece. – Desculpe, Julian, acho que não deveríamos estar falando sobre isso.

– Acha mesmo que eu diria ou faria algo que compromettesse sua carreira?

– Claro que não.

– É assim que funcionam os casos importantes. Você acha que os advogados ficam se esquivando dizendo: “Eu não posso falar sobre isso”? Claro que não. É uma troca. Podemos falar sobre elementos do caso, só não sobre informações confidenciais.

– Não sei, Julian. Acho meio... você sabe...

– Leila, é assim que funciona; é melhor para os clientes. Senão, tudo demoraria dez vezes mais. Estando ambos sob o mesmo teto, será muito mais fácil; podemos nos ajudar mutuamente. Não há nada de ilegal nisso. Confie em mim, faça isso há muito tempo.

Ele fala com suavidade, de um jeito convincente, como se realmente estivesse querendo me ensinar algo. Nunca trabalhei em um caso de assassinato, mas já vi *silks* tendo “conversas” intensas na sala de togas. Mesmo no estágio inicial, sei que precisarei de toda a ajuda possível nesse caso. A coisa já está meio preta, e eu nem vi as provas forenses ainda.

Mas, como pupila de Julian, também conheço os jogos que ele é capaz de fazer. Já os presenciei; ele me ensinou a maioria. No entanto, aqui é diferente; posso ser sua esposa, mas sou, antes de tudo, sua pupila. Ele não prejudicaria a própria pupila. Além disso, que escolha tenho? Não quero ser a *barrister* ingênua que parece não saber o que está fazendo. Julian é meu *pupilmaster*, foi ele quem me trouxe até aqui. Sou muito boa no que faço por causa dele.

Suspiro.

– A história de sempre. Ele foi abandonado ainda bebê pelos pais, que eram usuários de drogas, criado em lares adotivos, e vive entrando e saindo da prisão desde então. Não confia em ninguém, tem uma visão muito cínica do mundo. É um lobo solitário. Como a maioria dos que tiveram uma infância traumática, é um

sobrevivente, um lutador. Nunca imaginei que ele fosse capaz de matar alguém. Ele não é assim.

– Você não o defendeu de uma acusação de agressão da última vez? – pergunta Julian, cínico.

– Sim, mas armaram para ele.

Julian me lança um daqueles olhares que costuma usar no tribunal quando uma testemunha dá uma resposta inacreditável, que faz todo mundo querer morrer ali mesmo.

– Estou louco para ver como Millman vai se sair no julgamento – diz ele, e é verdade, está curioso mesmo. – Ele vai enfrentar uma situação difícil... juiz respeitável, muito querido. Anton era famoso por ser uma pessoa honesta.

Não concordo totalmente com a avaliação de Julian sobre o juiz Smythe, mas, sem dúvida, é assim que a promotoria vai retratá-lo.

– Mas os jurados não conhecem Anton – recordo-lhe –, e eles vão querer saber o que um juiz estava fazendo no apartamento de um criminoso numa sexta-feira à noite. Aí tem coisa, e esse é seu calcanhar de aquiles, Julian.

Meu marido gosta de motivos claros e provas óbvias; detesta ter que pensar fora da caixa.

– Como você acha que ele vai se sair no exame cruzado?

– Chega, isto já passou dos limites. – Rio, e dou uma palmadinha na perna dele para que saiba que esse papo acabou.

Vou cooperar com Julian o máximo que puder, mas minha lealdade, acima de tudo, é para com meu cliente.

São dez da noite, o fogo começa a perder força e entramos. A temperatura caiu bastante, e Julian está naquele estado de embriaguez em que começa a tentar tirar minha roupa.

O chalé está debilmente iluminado por umas lâmpadas pequenas. Lembro que Imogen disse que a parede de vidro tem persianas, então, enquanto Julian procura enfiar as mãos dentro de meu macacão preto da Zara, busco descobrir como fechá-las para termos um pouco de privacidade. Alguém bate na porta, interrompendo sua tentativa de sedução. Desvencilhando-me de seu abraço, vou atender.

– Desculpe incomodar, sou da recepção.

É um rapaz de seus vinte e poucos anos. Seu cabelo loiro meio comprido e seus olhos azuis penetrantes contrastam com a camiseta e a calça pretas. Ele estende uma caixa de presente preta.

– É para você.
– De quem é?
– A solicitação foi feita pelo site da pousada – diz, entregando-me a caixa. – Não deixaram nome.
– Um presente misterioso!
– Parece que alguém tem um admirador – comenta o rapaz, e, com um sorriso maroto, gira e volta pelo caminho de pedras.
– Quem me dera! – grito para ele.
Vou com a caixa até Julian, que está em frente à janela olhando para fora.
– Quem era? – pergunta, franzindo a testa.
– Um garoto da recepção. Trouxe um presente para mim.
– Leila, ele deve ter uns doze anos!
– O quê? – Olho para Julian, confusa.
– Você estava flertando com uma criança?
– Ele não tinha doze anos, e eu não estava flertando! – me defendo.
– Além do mais, você sabe, por experiência própria, que não sou capaz de flertar nem se minha vida depender disso. Não se lembra de nosso primeiro encontro? Estava tão nervosa que fiz um discurso de vinte minutos sobre como a franquia *Pânico* é subestimada.
– Acho que nunca vou esquecer isso.
Julian ri enquanto abro a caixa diante dele. Dentro, há outra garrafa de Châteauneuf-du-Pape.
– Caramba, você está fazendo sucesso – comento.
Abro o cartão pensando no preço desse vinho. Julian pega a garrafa vermelho-sangue e pestaneja, olhando para o rótulo bege.
– O que isto significa? – pergunto, estendendo-lhe um cartãozinho branco com letras pretas impecavelmente impressas.

O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui.
Feliz aniversário, J.

– Shakespeare? – Julian arrisca, fazendo uma careta. – *A Tempestade*, não é? Muito engraçado, Lei.
– Não fui eu que mandei entregar isso.
Ele me olha impassível por alguns segundos.
– Eu... não entendi, então. Não contei a ninguém aonde íamos.
Para quem você contou?
– Para ninguém especificamente.

– Como assim, para ninguém especificamente? Quero saber quem me mandou isto. – A irritação é nítida em sua voz.

– Comentei com uma ou duas pessoas na festa de Chester. – Dou de ombros. – Talvez Chester tenha mandado, de brincadeira.

– Para quem exatamente você contou? – ele insiste.

Desta vez, o tom de sua voz não me agrada. Julian me fita com os olhos arregalados, esperando uma resposta. Seu maxilar treme, um sinal de que está apertando os dentes, coisa que só faz quando sente raiva. Julian é o tipo de pessoa que prefere morrer a deixar que alguém perceba que algo o incomoda. Ele sempre me dizia que os melhores advogados se mantinham inabaláveis e nunca permitiam que ninguém visse além da fachada de titânio que apresentavam ao mundo.

Esse presente o está incomodando.

– Não me lembro exatamente para quem contei. Tenho certeza de que é só uma brincadeira.

Ele dá um passinho para trás, como que se recompondo ao notar o que estava fazendo.

– Desculpe – diz, com uma tênue tentativa de sorriso. – É que não suporto coisas enigmáticas assim. Temos que ter muito cuidado, porque eu processo criminosos muito perigosos.

– Tenho certeza de que não é nada disso. Imagino que não haja muitos criminosos por aí capazes de citar Shakespeare. Você sabe como são os advogados... E, obviamente, quem mandou o presente te conhece bem. É só presente com uma mensagem idiota.

– Tem razão. – Ele assente e me dá um beijo na testa.

As chamadas da luxúria, presentes minutos atrás, já estão totalmente extintas.

– Estou acabado. Tanto ar fresco, comida e vinho me deixaram exausto!

– Vamos para a cama – digo, e sorrio.

Julian pega o celular, vai para o banheiro com ele e fecha a porta. Eu me volto para olhar pela janela e pouso a mão no enorme vidro gelado, observando o abismo escuro e preto. Tenho plena consciência, neste momento, de que qualquer um pode estar lá fora olhando para dentro, nos observando.

Na escuridão, a quilômetros de distância de qualquer lugar, aquele cartão não tem cara de brincadeira – apesar do que eu disse a Julian para tranquilizá-lo.